

“Muitos cristãos hoje têm vivido uma ‘concussão cultural’. Frustrados por terem perdido algo do passado e agora inseguros com relação a quem são, os cristãos no Ocidente se veem lutando para se encontrar, temerosos quanto a um futuro incerto. Sem saber bem como proceder, a tentação para a igreja é de ou ‘sair batendo’ ou retirar-se para os limites seguros de suas próprias comunidades. *Inteligência Cultural* oferece outra rota adiante que inclui tanto a cura quanto um chamado: um evangelho que nos conecta a Deus e transforma nossas vidas por completo – não apenas o que cremos, mas também quem somos, o que dizemos e como o dizemos. Darrell Bock é um grande conhecedor do Novo Testamento com o coração de um pastor, um médico com excelente tato que não apenas nos ajuda a nos situarmos biblicamente, mas também nos mostra como a igreja pode recalibrar sua abordagem para se tornar um hospital de campanha para pecadores.”

– **Joshua D. Chatraw**, *diretor executivo do Center for Public Christianity e teólogo residente da Holy Trinity Anglican Church*

“O desafio do dr. Darrell Bock em *Inteligência Cultural* é uma correção de curso criticamente necessária e gentil para a igreja hoje se esperamos cruzar a divisão sagrado-secular. A partir de seis passagens-chave do Novo Testamento, ele nos admoesta de forma convincente a nos tornarmos embaixadores da reconciliação, apresentando as complicadas vidas modernas à verdade da Bíblia – e não o contrário – com um tom gentil e respeitoso. Ele nos lembra de que o propósito do engajamento é abrir espaço para a mensagem do evangelho, que oferece uma esperança poderosa a uma cultura desesperada. A abordagem do dr. Bock quanto a

essa interação com a cultura norte-americana, à parte da rede de segurança judaico-cristã, lembra o preparo planejado e intencional de um missionário estrangeiro transcultural servindo em um país de ‘acesso criativo’.”

– **Mike Chupp**, *diretor executivo da Christian Medical & Dental Associations*

“Darrell Bock trata de maneira legível sobre as formas nas quais temos, como cristãos, entrado em guerras culturais, destacando que há pouca evidência de que temos vencido qualquer uma delas. Frequentemente falo que a abordagem mais eficaz é uma com um centro firme e beiradas macias. *Inteligência Cultural* leva esse conceito a águas mais profundas, dando-nos uma visão do todo e conselhos práticos de como permanecer bíblicamente enraizado (centro firme) e engajar-se com tolerância (beiradas macias). Darrell dá um antídoto para tantas das formas ineficazes que os cristãos têm usado para navegar as complexidades e as guerras culturais de nossos dias, tais como um centro firme com beiradas duras ou um centro esponjoso e beiradas macias. Este livro atinge o equilíbrio certo de ser cheio de graça e de verdade.”

– **Barry H. Corey**, *presidente da Biola University*

“Bem poucas pessoas na esfera pública deram mais atenção ao modo como nossa fé cristã influencia a forma como pensamos sobre o mundo do que Darrell Bock. É por isso que este livro é uma leitura essencial para pastores, líderes e qualquer pessoa que busca ser fiel em meio a uma era infiel. Por vezes demais somos culpados de simplesmente reagir, baseados em nossas simpatias partidárias, em vez de enfrentar o trabalho duro de chegar ao fundo de nossos debates

atuais. Você pode não concordar com todas as conclusões do dr. Bock, mas sairá não apenas com reflexões cativantes, mas também com ferramentas intelectuais que podem ajudá-lo a pensar bem.”

– **Daniel Darling**, *vice-presidente sênior de comunicações da National Religious Broadcasters*

“Darrell Bock é reconhecido como um dos melhores eruditos bíblicos evangélicos da nossa geração. Com a publicação de *Inteligência Cultural*, os leitores são privilegiados não apenas ao ver as percepções aguçadas que Bock tem do significado de passagens bíblicas centrais, mas também ao ouvir o coração de Bock conforme ele traz aplicações oportunas para guiar os cristãos em direção ao discipulado fiel neste mundo caído em que vivemos. Após trazer uma estrutura muito útil para nosso contexto e cultura atuais, Bock convoca os seguidores de Cristo, as igrejas e a comunidade cristã como um todo a engajar-se e renovar a cultura de uma maneira repleta de graça. A partir de uma crença de que a inteligência cultural somente pode ser desenvolvida com convicção bíblica e uma gentileza gerada pelo Espírito, Bock encoraja os cristãos a priorizar a obra reconciliadora de Deus no mundo através de Jesus Cristo, assim como os temas de esperança, amor e o poder transformador do evangelho. Eu oro para que os cristãos reflitam o fruto do Espírito pregado na excelente obra de Bock, enquanto todos nós buscamos colocar em prática o sábio conselho do autor. Tenho o prazer de recomendar este criterioso livro.”

– **David S. Dockery**, *presidente da International Alliance for Christian Education; teólogo residente do Southwestern Baptist Theological Seminary; e ex-presidente da Trinity Evangelical Divinity School*

“Cristãos precisam urgentemente desenvolver uma inteligência cultural mais afiada, seja na política, seja em Hollywood, seja no trabalho diário de cada um, e há poucos mais bem equipados para nos ajudar do que Darrell Bock. Este livro atravessa o abismo entre a profunda sabedoria bíblica e a experiência prática com o desafio das velozes mudanças da nossa cultura. Bock traz tanto uma fundamentação bíblica firme quanto uma abordagem atualizada da cultura que é verdadeiramente construtiva, em vez de destrutiva ou complacente. Ele demonstra como reunificar as pautas há muito separadas do evangelismo e do ativismo social, demonstrando que, se tivermos uma inteligência cultural baseada no evangelho da reconciliação, poderemos reconciliar essas questões em uma missão frutífera para a igreja no mundo.”

– **Greg Forster**, *diretor da Oikonomia Network*

“Todos nós, líderes de igrejas, queremos nos envolver de maneira eficaz com nossas culturas, mas por onde começamos? Como escolhemos esses momentos? Que aspectos da cultura abordamos primeiro? Mais que isso, com que cultura estamos buscando nos envolver? Em uma época em que a igreja está funcionando sem a segurança de uma visão de mundo judaico-cristã, como buscamos redimir nossas culturas caídas? Darrell Bock criou um guia bíblicamente fundamentado e pastoralmente sensível para cristãos começarem conversas sobre graça e redenção de maneira inteligente e compassiva. Este livro deveria ser o ponto de partida para qualquer igreja ou grupo que esteja procurando uma forma de fazer diferença no mundo ao seu redor. Não, ele não nos dá todas as respostas, mas nos leva a começar a

fazer as perguntas certas. E nós sabemos que isso é metade do caminho andado.”

– **Mike Glenn**, *pastor sênior da Brentwood Baptist Church em Brentwood, TN, EUA*

“O livro de Darrell Bock, *Inteligência Cultural*, é como uma chuva suave em uma terra seca. Como os cristãos devem viver durante esta época de divisões, em que tudo é ferozmente dicotomizado entre vermelho ou azul, cristão ou descrente? Bock responde de maneira simples, mas profunda, que ‘as pessoas não são o inimigo, são o alvo’. *Inteligência Cultural* é uma leitura obrigatória para seguidores de Jesus que querem se envolver com as pessoas nesta era pós-cristã aprimorando-se como ouvintes e vivendo vidas de esperança baseadas na Bíblia.”

– **David C. Iglesias**, *diretor do Wheaton Center for Faith, Politics and Economics, e professor associado Jean e E. Floyd Kvanme de política e lei no Wheaton College*

“Depois de décadas de brilhantismo acadêmico sondando as profundezas da Bíblia para o benefício da igreja, Darrell Bock focou suas habilidades formidáveis em criar um modelo bíblico para a interação da igreja com o mundo. Em *Inteligência Cultural*, a jornada habilidosa de Darrell por passagens-chave, que estabelecem princípios quanto ao envolvimento com os de fora, demonstra que Deus se preocupa com ‘como nos comunicamos’ pelo menos tanto quanto com ‘o que comunicamos’. Eu recomendo de coração esta obra, que foca em como construir pontes e não barreiras, e nos encoraja a ver nosso papel como em-

baixadores envolvidos com a interação cultural em vez de guerras culturais.”

– **Larry Moody**, *capelão da PGA e da CPGA Players, e presidente e fundador do In the Game Ministries*

“Desde a igreja primitiva, nunca foi tão vasto o abismo cultural entre os seguidores de Cristo e o mundo exterior. E ele segue crescendo todos os dias! O que precisamos é de pontes relacionais construídas com compreensão e preocupação mútuas. Tais pontes exigem tato, habilidade social e, em uma frase, ‘inteligência cultural’. Neste encantador compêndio bíblico sobre engajamento cultural, Darrell Bock transmite as ferramentas analíticas e relacionais de que os cristãos precisam para viver seu chamado sagrado de serem sal e luz.”

– **Samuel L. Perry**, *professor associado de sociologia e estudos religiosos na University of Oklahoma*

“Ah, como os cristãos precisam de uma orientação construtiva sobre como interagir com a esfera pública e com aqueles que têm ideologias e visões diferentes! A partir de textos bíblicos centrais e de anos de experiência, Bock recalibra discussões sobre como entender nosso testemunho e chamado no mundo. O que é necessário é um tom humilde, um novo ponto de acesso à Bíblia, e o reconhecimento de que tal posicionamento pode sair caro. Este é um excelente livro para o momento!”

– **M. Daniel Carroll R. (Rodas)**, *professor de Antigo Testamento na Wheaton College and Graduate School*

“Estou feliz de ver *Inteligência Cultural* ser lançado e espero que seja amplamente lido. Ele é minuciosamente embasa-

do na Bíblia e contém um reservatório rico de conselhos práticos de como interagir com culturas de maneira sábia e cativante. A seção final sobre ensinar a Bíblia na cultura de hoje já vale o preço do livro! Uma leitura obrigatória para líderes de igrejas e para aqueles interessados em envolver-se de maneira significativa com o mosaico cultural que a igreja enfrenta hoje.”

– **Scott B. Rae**, *consultor sênior do presidente para a missão universitária, decano da faculdade e professor de filosofia e ética cristã na Talbot School of Theology, Biola University*

“Ao olhar para uma época muito anterior a MTV, internet ou *Roe vs Wade*,<sup>1</sup> Darrell Bock identifica as raízes da nossa revolta social e guerra cultural. Ele navega com discernimento pelas tensões causadas pela perda de um *ethos* judaico-cristão que vai na direção do ceticismo que a secularização gera sobre a mensagem do evangelho. Esta é uma obra de política não-partidária, com sabedoria prática para o raciocínio e a vida de nossa dupla cidadania honrando Cristo como Senhor de todos e envolvendo-nos com amor com aqueles que têm crenças diferentes. Tanto aqueles em púlpitos como nos bancos, tanto nos templos quanto em ministérios paraeclesiais fariam bem ao considerar estas reflexões, para que possamos ganhar um alcance muito maior em nossa sociedade.”

– **Eric C. Redmond**, *professor de Bíblia no Moody Bible Institute e pastor associado de pregação e ensino na Calvary Memorial Church em Oak Park, IL, EUA*

---

1 Caso Roe contra Wade ou Roe vs. Wade é o caso judicial em que a Suprema Corte dos Estados Unidos reconheceu o direito ao aborto ou interrupção voluntária da gravidez. (N. T.)

“As pessoas não são o inimigo, e sim o alvo da grande comissão. Mas como cumprir a grande comissão em um mundo que rejeita nossa cosmovisão cristã? Em *Inteligência Cultural*, o reconhecido erudito do Novo Testamento Darrell Bock nos ajuda a entender como o imperativo divino de amarmos uns aos outros nos leva a nos envolvermos com pessoas que discordam de nós. Mais que isso, ele nos mostra como enxergar situações reais através de lentes bíblicas e teológicas como o meio através do qual podemos participar de diálogos significativos. Recomendo muito este livro, pois ele busca abrir caminho para cristãos que desejam viver sua teologia em um cenário cultural em constante mudança.”

– **Ben Skaug**, pastor sênior da Immanuel Baptist Church em Highland, CA, EUA, e professor adjunto na California Baptist University

“Quando alguém escreve a partir de sua vida, surge uma simplicidade além da complexidade, provando que sabedoria profunda pode vir em pacotes pequenos. *Inteligência Cultural* não é uma leitura longa, mas é cheia de profunda sabedoria. É um raciocínio correto com um tom compassivo, equipando o leitor para falar a verdade com amor. Darrell Bock está nos treinando não a confrontar a cultura, mas a transformá-la através do embasamento bíblico e do envolvimento relacional.”

– **Brad Smith**, presidente da Bakke Graduate University

“Passei 35 anos na *Christianity Today* ‘pregando’ a mensagem do evangelho da bela ortodoxia, então você pode imaginar minha empolgação com este livro excepcional de Darrell Bock do Dallas Seminary. Escrito para um momen-

to como este – com a mordacidade como marca da nossa fala cultural, e o desrespeito como nosso padrão para um engajamento ‘esclarecido’ –, *Inteligência Cultural*, do dr. Bock, nos traz um guia bíblicamente sólido, intelectualmente acessível e poderosamente prático sobre como todo cristão sério pode viver uma vida impactante caracterizada pela convicção e a graça do evangelho. O mundo só vai ouvir as boas novas se nós, a igreja, enquanto embaixadores de Deus, realmente nos tornarmos a expressão em carne e osso do seu amor radical. Para isso, o dr. Bock escreveu esta obra sobre como nossas palavras e opiniões, dirigidas pelo Espírito, podem ser ouvidas na esfera pública e, por fim, fazer diferença para a humanidade como um todo. Sim, esta é uma leitura essencial para qualquer cristão que anseia por tornar Cristo conhecido de maneira cativante em um século XXI confuso em que homens e mulheres ainda estão procurando – conscientemente ou não – o caminho, a verdade e a vida.”

– **Harold B. Smith**, *presidente emérito da Christianity Today International*

“Poucos estudiosos bíblicos e teólogos investiram e se envolveram com questões culturais como Darrell Bock. Ele oferece um ensino são, sábio e prático que possibilita aos cristãos se identificarem de maneira significativa e missional com suas culturas muitas vezes estranhas e divididas. Este é um livro de que a igreja precisa e para o qual deve dar atenção para repensar sua própria identidade e prática.”

– **Klyne Snodgrass**, *professor emérito de estudos do Novo Testamento no North Park Theological Seminary e ex-presidente do Institute for Biblical Research*

“A Karl Barth se atribui a frase conhecida: ‘Um pregador precisa de um jornal em uma mão e de uma Bíblia na outra’. O que significa, para líderes eclesiais e cristãos em geral, segurar a Bíblia em uma mão e um jornal na outra? Em outras palavras, o que significa ser fiel à Bíblia e ao mesmo tempo manter-se culturalmente relevante? Darrell Bock, em *Inteligência Cultural*, esboça para os cristãos como a cultura e a teologia interagem no contexto da missão da igreja. Com a Palavra como seu guia, Bock articula magistralmente uma forma através da qual cristãos podem navegar com gentileza e graça as águas tumultuosas da complexidade cultural enquanto focam na missão central da igreja. Este livro não poderia chegar em um momento mais propício.”

– **Ed Stetzer**, *diretor executivo do Billy Graham Center e Billy Graham Chair of Church, Mission, and Evangelism no Wheaton College*

“A palavra sucinta mas robusta de Bock nos convida a um envolvimento cultural inteligente. Entramos em uma conversa caracterizada pela graça e em um espaço sagrado para discernir como desafiamos nossas famílias, amigos, colegas e conhecidos, e por consequência o mundo, a considerar um Jesus cativante e radical e uma cosmovisão cristã coerente. Em uma sociedade cada vez mais desprovida de sequer uma memória cultural da narrativa bíblica, Bock nos convida a comunicar nossa fé a partir de um inovador ‘da vida para a Bíblia’, juntamente com o modelo antigo. Sou ajudado a amar minha cidade secular de Austin, assim como as gerações mais jovens da minha amada América Latina, onde o secularismo tem capturado mentes e corações. Obrigado, Darrell.”

– **William D. Taylor**, *presidente da TaylorGlobalConsult e ex-presidente executivo da Mission Commission, World Evangelical Alliance*

DARRELL L. BOCK

# INTELIGÊNCIA *Cultural*

COMO VIVER PARA DEUS EM  
UM MUNDO DIVERSIFICADO  
E PLURALISTA



chamada

# INTELIGÊNCIA *Cultural*

COMO VIVER PARA DEUS EM  
UM MUNDO DIVERSIFICADO  
E PLURALISTA

DARRELL L. BOCK

TRADUÇÃO  
REBECA INKE LIMA

1ª EDIÇÃO  
2022



*Cultural Intelligence*  
Copyright © 2020 by Darrell Bock  
Published by B&H Academic  
Nashville, Tennessee

Todos os direitos reservados mundialmente para a língua portuguesa.

Copyright © 2020 por Chamada

1ª Edição – Janeiro/2022

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Rebeca Inke Lima*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Mauro Nogueira*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e  
Rômulo Spier do Nascimento*

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc.

Todos os direitos reservados mundialmente.

**Obra Missionária Chamada da Meia-Noite**

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

**[www.chamada.com.br](http://www.chamada.com.br)**

[pedidos@chamada.com.br](mailto:pedidos@chamada.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

---

B665 Bock, Darrell L.  
Inteligência cultural : como viver para Deus em um mundo diversificado e pluralista / Darrell L. Bock ; tradução Rebeca Inke Lima. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2022.  
176 p. ; 21 cm.

Título original: *Cultural intelligence: living for God in a diverse, pluralistic world*  
ISBN 978-65-89505-15-0

1. Cristianismo e cultura. 2. Vida e prática cristãs. 3. Evangelização. I. Lima, Rebeca Inke. II. Título.

CDD 261

---

*Para a equipe do Hendricks Center no Dallas Theological Seminary do passado e do presente. Vocês são todos pessoas especiais; alguns ainda em Dallas e outros agora espalhados por muitos países ao redor do mundo após terem se formado. Continuem se envolvendo com graça.*

# SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	19
<b>Introdução</b> .....	21
<b>Capítulo um</b>	
Uma teologia de inteligência cultural.....	33
<b>Capítulo dois</b>	
De volta para o futuro: lições de envolvimento com Paulo .....	61
<b>Capítulo três</b>	
Conversas difíceis: como melhorá-las .....	81
<b>Capítulo quatro</b>	
Qual é o propósito da salvação e o imperativo bíblico do amor? .....	105
<b>Capítulo cinco</b>	
O envolvimento cultural inteligente e a Bíblia: uma segunda forma eficaz de ensinar a Palavra .....	117
<b>Índice remissivo</b> .....	169

## AGRADECIMENTOS

Há muito tempo desejo escrever este livro. Minha equipe no Hendricks Center já interage comigo sobre os temas discutidos aqui há muitos anos, e já ouviram diversas versões deste material em uma série de eventos públicos. Assim, estendo minha gratidão a toda a minha equipe do Hendricks Center.

Agradeço também ao Dallas Theological Seminary por me dar o tempo e o espaço para trabalhar em cima deste tema. Esta é uma escola rara que permite pesquisa e estudos em uma área que não é um tópico curricular específico para uma aula específica do programa. Foi este compromisso do Dallas Seminary com temas co-curriculares por todo o campus que me deu a oportunidade de explorar este tema.

A relevância deste assunto para o mundo evangélico tem se destacado de maneira especial ultimamente. Também agradeço às muitas igrejas, ministérios e estudos bíblicos que receberam minhas reflexões iniciais sobre estes tópicos e me deram *feedbacks* cruciais. O impacto disso está em cada página. Essas igrejas e grupos estavam espalhados por todo o país, mas a resposta consistente que eu recebi foi um incentivo para escrever esta obra. Não enchi o texto de notas de rodapé, mas estou apresentando meus próprios pensamentos, forjados nessas conversas e discussões em comunidade. Qualquer falha neste manuscrito é minha, e não de qualquer uma dessas organizações.

Minha esposa, Sally, teve que doar muito de nosso tempo juntos para dar espaço às viagens e apresentações representadas neste material. Sua contribuição neste ministério vem em formato de sacrifício e apoio.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos desconcertantes. Há conflitos em cada canto do mundo – de Washington a Londres, Hong Kong, Irã e todos os lugares entre eles. Além de toda essa tensão em diversos lugares, nosso mundo tem visto uma enorme quantidade de mudanças culturais nas últimas décadas. Essas mudanças afetam muitas áreas da vida. Entre elas estão alterações sísmicas de escolhas de estilo de vida que costumavam ser consideradas garantidas. Nossa própria cultura não é mais o que costumava ser. Através de discursos e diálogos (e às vezes do uso público de linguagem ofensiva), as pessoas debatem casamento, sexualidade e escolhas sobre a preservação da vida. Acusações e mudanças estão por toda parte. A igreja, sentindo uma guerra cultural, tem enfrentado esse desafio e entrado na batalha. Mas temos usado a estratégia certa? Nossa estratégia está ao menos alinhada com a Bíblia?

Inteligência cultural exige que entendamos o que está acontecendo ao nosso redor e como podemos nos envolver bem com essas mudanças. Examinar essa necessidade é exatamente o alvo deste livro. A forma como a igreja tem travado essa batalha tem sido definida e praticada de maneira eficaz? Será que perdemos a natureza específica da batalha e redirecionamos mal nossa missão? Buscamos responder essas perguntas e voltar a pensar em como a igreja pode se envolver de uma maneira bíblicamente enraizada.

Prosseguiremos em seis partes. Primeiro, consideramos como chegamos no ponto em que estamos e examinamos as rupturas que as mudanças em nossa cultura têm produzido (introdução). Em seguida, consideramos o que a Palavra diz sobre envolvimento nos espaços e lugares onde Deus nos colocou (capítulo 1), e depois observamos como Paulo falava sobre a cultura, comparado a como ele falava para ela (capítulo 2). Em sua vida e palavras estão enormes lições sobre uma abordagem inteligente da cultura. A seguir, discutimos como ter conversas difíceis com pessoas que não concordam com a maneira como vemos o mundo (capítulo 3). Também consideramos o que talvez estejamos fazendo que impede conversas benéficas, bem como o que podemos fazer para aumentar nossas chances de ter melhores conversas culturais. Então olhamos para o chamado bíblico ao amor (capítulo 4) e, por fim, exploramos duas formas de ler a Palavra e identificamos qual delas precisa se tornar parte do nosso ensino de “Bíblia na vida” (capítulo 5). Ter uma forma adicional de abordar nossa leitura da Bíblia pode nos ajudar a interagirmos com a cultura mantendo o equilíbrio com o que a Palavra nos mostra ser uma forma eficaz de viver – e fazê-lo respeitando o modo como Deus nos fez.

## O MUNDO, TANTO MAIOR QUANTO MENOR, MAIS COMPLEXO

Nosso mundo mudou de maneira significativa durante o meu tempo de vida, que foi no início da década de 1950. Ele tem se tornado simultaneamente maior e menor. Con-

siderando a incrivelmente vasta gama de opções que temos agora, nossas escolhas se tornaram mais complexas, intensificando a pressão que sentimos. O envolvimento cultural tem se tornado um desafio maior também na esfera pessoal, mas especialmente para a igreja.

Desde o seu início no primeiro século, a igreja recebeu a ordem de exemplificar um estilo de vida de contracultura. Em nosso contexto norte-americano, a guerra cultural foi declarada como uma reação a eventos nos anos 1960 e acentuada nos anos 1970. Ela permanece presente, assolando ferozmente cada canto da nossa sociedade.

As gerações mais novas da atualidade não viveram esse mesmo nível de reviravolta; ao contrário, elas nasceram em um mundo já em constante e rápida mudança, e vivem nesse meio desde então. Essa diferença quanto ao momento em que foram expostas a isso produziu um tipo diferente de sensibilidade – uma sensibilidade que tem vindo à tona e aumentado a tensão entre as gerações dentro da igreja.

## COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI

Praticamente qualquer pessoa reconhece que o acesso à informação se expandiu, assim como as opções de se fazer escolhas de vida que a sociedade não questiona mais como costumava questionar. Então o que aconteceu exatamente, e o que essas mudanças significam para a igreja?

Duas inovações da década de 1960 esculpiram o mundo desafiador em que vivemos agora.

A primeira inovação, datando do verão de 1962, foi o satélite Telstar. Ele permitiu a primeira transmissão de ví-

deo ao vivo entre os Estados Unidos e a Europa, levando a comunicação e o acesso à informação a um novo nível. Lembro-me do meu programa de TV sendo interrompido com “notícias de última hora”, e de estar sentado ali fascinado com a ideia de que uma transmissão em um lugar poderia ser mudada ao se transmitir um sinal para o espaço a partir de outro lugar. Espaços e lugares estavam sendo transformados.

Agora, avance para hoje. Esse tipo de comunicação acontece bilhões de vezes todos os dias. A transmissão via satélite não é mais exclusividade das grandes empresas de comunicação – ela é pessoal, e pode ser feita a partir da palma da mão de qualquer um. Nosso grande mundo está intimamente conectado, e fomos aproximados uns dos outros mais do que jamais antes.

Como resultado dessa tecnologia, todos nos tornamos mais conscientes de um mundo amplo. Era mais difícil viver em uma bolha de proteção que limitava a maioria das opções. Essa expansão das conexões e da comunicação significava que mais pessoas estavam cientes da gama de opções que tinham em suas vidas. O aumento em viagens gerou também novas perspectivas. Quem não podia viajar fisicamente, podia viajar digitalmente.

Conforme as perspectivas cresceram, a própria discussão sobre perspectivas cresceu. Nosso mundo se tornou maior e menor ao mesmo tempo.

Uma segunda grande inovação foi o desenvolvimento e subsequente disponibilização da pílula contraceptiva. Essa invenção farmacêutica mudou o relacionamento entre os

sexos. De repente, era possível fazer sexo com baixo risco de engravidar, a um custo mínimo e sem investimento pessoal. Onde o medo da gravidez não mais reinava, a liberdade de escolha se tornou uma opção. Uma gama de escolhas pessoais e formas alternativas de expressão sexual se tornou possível. Algumas delas já existiam antes da pílula, mas esse remédio alterou as consequências, e então milhões de pessoas se tornaram adeptas.

O resultado de tais inovações, e de outras como elas, é que as pessoas foram expostas a mais possibilidades e têm muito mais alternativas dentre as quais escolher. Ao dizer isso, não estou avaliando essas escolhas. Estou apenas observando a maneira como a informação e as opções intensificaram nossa versão intimamente conectada e grande-mas-pequena do mundo.

Considere: quem nunca ouviu sobre ou conhece alguém que viveu com seu futuro cônjuge antes do casamento, ou que declarou atração por pessoas do mesmo sexo? Quem nunca entrou em um debate sobre imigração, sobre o custo do sistema de saúde, sobre as implicações do islamismo, ou sobre se é antipatriótico ou não se ajoelhar em protesto contra a injustiça enquanto toca o hino nacional? Por onde sequer se começa uma conversa assim na esperança de um resultado positivo? Como podemos discutir assuntos como esses sem que as conversas terminem em explosões?

## A REMOÇÃO DA REDE JUDAICO-CRISTÃ

Outro fator que produz toda essa mudança é a remoção da rede judaico-cristã, que antes envolvia grande parte da

cultura ocidental. Até algumas gerações atrás, ela existia ao ponto de que mesmo que alguém não fosse à igreja ou ouvisse ensinamentos judaico-cristãos com certa frequência, essa pessoa ainda compreendia seus valores centrais e, na maioria das vezes, os respeitava em algum nível. Mesmo se a pessoa não acreditasse que a Bíblia fosse totalmente inspirada (isto é, de autoria divina), ela ainda assim era considerada uma fonte valiosa de sabedoria para a vida.

Essa rede não existe mais para segurar as pessoas quando “caem” nas escolhas que nossa cultura lhes oferece hoje. Na verdade, as coisas mudaram tanto que a igreja tem tido que lutar para saber como se comunicar com uma cultura decididamente diferente.

Quando a rede judaico-cristã ainda existia, era possível argumentar que algo era verdade “porque está na Bíblia”, e as pessoas considerariam tal afirmação digna de consideração porque a Bíblia era vista como uma fonte confiável. Agora, a situação mudou tanto que é preciso argumentar que algo está na Bíblia porque é *verdade*. Este é um tipo muito diferente de argumento e, de muitas maneiras, é muito mais difícil de se construir.

Para trás ficaram os dias em que era possível usar a Palavra como um selo de aprovação para a validação de alguma ideia. Agora é preciso provar que o que está sendo apresentado se encaixa em um modo de vida autêntico e eficaz.

A igreja ainda está aprendendo a se engajar nesse contexto. Esse tipo de argumentação, no entanto, não significa afastar-se da Palavra. Significa defender a Palavra explicando que “o que Deus disse, disse por bons motivos”. E

então a igreja precisa explicar claramente como esse raciocínio funciona.

A realidade dessa mudança abalou a igreja. Alguns cristãos anseiam por uma volta ao passado na esperança de recuperar o que foi perdido – um alvo no âmago da guerra cultural pelo qual muitos de nós temos lutado por décadas. No entanto, a Palavra deixou claro desde o início que aqueles que têm fé sempre seriam um remanescente dentro da sociedade e que seguir a Jesus significaria experimentar oposição por parte do mundo (Jo 14.17; 15.18; 17). O discípulo sempre foi alertado a se preparar para a realidade de carregar a sua cruz (Lc 9.23-25). Jesus passou toda a segunda metade de seu ministério deixando isso claro para os Doze, seus discípulos originais, e nada que ele tenha dito indica que isso mudaria até Deus consertar tudo no fim dos tempos. Em outras palavras, saímos de uma era excepcional que provavelmente nunca foi tão boa quanto agora nos parece quando lembramos – e de qualquer forma não há volta.

Ainda assim, nenhum desses desafios ou mudanças altera a necessidade de a igreja refletir Deus no mundo. Essa é a tarefa que Deus deu aos que ele chamou. É por isso que a igreja carrega a descrição “corpo de Cristo”. Somos chamados a ser uma encarnação da presença de Deus no mundo, seu formato audiovisual em uma combinação única de indivíduos e em uma comunidade especial. A forma como nos engajamos para mostrar a graça e o caráter de Deus importa. O conteúdo do que cremos importa, mas o nosso tom também.

A igreja vive em uma constante tensão conforme busca compartilhar o evangelho, as chamadas “boas novas”. Compartilhar essa mensagem envolve tanto desafio quanto esperança. O desafio se engaja com a maneira como as pessoas vivem quando fazem escolhas independentemente de Deus. As boas novas cheias de esperança, no entanto, são que Deus oferece uma vida abundante para aqueles que buscam um relacionamento com ele. Conforme aceitam sua provisão, experimentam o perdão completo em Cristo.

Deus planejou que cada indivíduo que crê, as comunidades de igrejas e a igreja como um todo se engajassem em um esforço de camadas múltiplas. Entretanto, aqueles de nós que vivem aqui no Ocidente tendem a envolver-se apenas individualmente. Falamos de maneiras muito pessoais sobre nosso Deus. Muitos de nossos hinos são escritos na primeira pessoa do singular. Enquanto isso, poderíamos também estar falando sobre o que uma vida abundante significa para nossas comunidades em nossas igrejas e sobre como as pessoas podem interagir juntas como um corpo que honra a Deus e cujo padrão de vida se distingue das escolhas do mundo.

O chamado a uma aptidão cultural nunca foi maior, assim como a necessidade de enxergar um envolvimento muito além das questões individuais. Que *teologia do envolvimento*, então, nos levará a interagir culturalmente com habilidade e alinhados com o chamado de Deus? Como podemos pensar sobre e viver nos espaços e lugares onde Deus nos colocou no dia a dia? Como nos envolvemos efe-

tivamente com as questões ao nosso redor nas esferas individual, comunitária e mesmo social?

## COMO ESTE MATERIAL É DIFERENTE: A CAMADA RELACIONAL

A maioria dos livros sobre envolvimento cultural foca ou em modelos de engajamento, como *Cristo e Cultura*, de Richard Niebuhr, ou em tópicos específicos, como *Faith in the Voting Booth* [Fé na cabine de votação], obra do presidente da National Association of Evangelicals, Leith Anderson (com Galen Carey), ou *A Practical Guide to Culture* [Um guia prático da cultura], de John Stonestreet. Minha própria obra anterior dentro dessa área, *How Would Jesus Vote?* [Como Jesus votaria?], buscou algo semelhante. *Culture Making* [Fazendo cultura], de Andy Crouch, trata da questão de contribuir positivamente para a cultura e do que ajuda a formar uma cultura positiva.

Tais obras são úteis, mas este material tem um propósito diferente. Estamos refletindo sobre como abordar tais questões com sabedoria e habilidade, considerando o que a Palavra diz sobre envolvimento e pensando sobre como a cultura e a teologia interagem. Estamos perguntando especificamente que aparência isso tem em termos de relacionamentos, quando muitas vezes o estilo de vida de um cristão é questionado em uma conversa.

Este livro considera, particularmente, nosso tom e as dimensões relacionais de tais interações, o que é crucial, pois, à medida que a cultura e a Palavra entram em contato, geralmente pensamos apenas pela ideia do assunto em si,

sem nos fazer as perguntas subsequentes: como realmente interajo com alguém cujas ideias são diferentes das minhas? Como participo de conversas difíceis? O que a Palavra diz sobre se envolver com quem não compartilha da mesma fé que eu?

Há seis passagens bíblicas centrais que discutem esse envolvimento. Uma delas é o texto de “batalha” mais conhecido do Novo Testamento nessa área. O que esses textos dizem sobre como refletir nossa fé conforme nos envolvemos com as pessoas? Como definem nosso chamado? Uma das coisas que veremos é que uma missão mal direcionada e mal definida é contraproducente para o nosso chamado. Outra coisa que veremos é que uma missão bem direcionada torna esse envolvimento – isto é, a inteligência cultural – possível, mesmo quando ele inclui um desafio para a sociedade.

Ao começarmos, permita-me definir *cultura* e fazer uma observação importante. De acordo com o *Dicionário Caldas Aulete*, cultura é “Tudo o que caracteriza uma sociedade qualquer, compreendendo sua linguagem, suas técnicas, artefatos, alimentos, costumes, mitos, padrões estéticos e éticos; o conjunto dos valores intelectuais e morais, das tradições e costumes de um povo, nação, lugar ou período”. É como o ar que respiramos. *Cultura* nos rodeia constantemente. Estamos sempre interagindo com ela.

Vem então a observação: a palavra no singular, *cultura*, é um termo errôneo. O que vivemos e experimentamos são culturas, e seu movimento uma em relação à outra é como o das placas tectônicas. Elas esbarram umas nas outras, às vezes gerando distúrbios. Certamente há tensões. Essa é a

vida em um mundo caído cheio de opções – algumas boas, algumas ruins, algumas simplesmente diferentes. É preciso ter inteligência e sensibilidade para negociar a combinação de culturas e pluralismos que vivemos, especialmente enquanto cristãos. Este livro apresenta como pensar sobre envolvimento de uma maneira que, esperamos, reflete a Palavra, honra e representa Deus, e ama nosso próximo.

Por fim, estou usando *inteligência cultural* de um modo não-técnico, leigo. O significado técnico seria ligado a como compreender a cultura com habilidade, como ser inteligente com relação à cultura(s). Este livro está mais preocupado em como começar a chegar lá; com sensibilidade cultural, o que monta o palco para se começar a desenvolver uma inteligência cultural. É um longo prefácio sobre envolvimento com pessoas e como chegar a uma posição melhor para conviver com o pluralismo que todos enfrentamos. É impossível se tornar inteligente sobre cultura(s) sem estar disposto a se envolver, a ouvir e, muitas vezes, a aprender.

## Capítulo um

# UMA TEOLOGIA DE INTELIGÊNCIA CULTURAL

A inteligência cultural exige que conheçamos tanto nosso chamado quanto a verdadeira natureza da nossa batalha. A natureza espiritual do conflito significa que precisamos utilizar tanto uma perspectiva espiritual quanto recursos divinamente designados. Ela também significa perceber o que acontece com pessoas ao nosso redor que fizeram escolhas diferentes. Na seção a seguir, consideraremos seis dos textos mais significativos sobre os lugares e espaços culturais em que nos encontramos, bem como de que forma os recursos que temos nos capacitam para que nos envolvamos com sabedoria.

### SEIS TEXTOS-CHAVE

#### *Efésios 6.10-18*

O texto-chave é o versículo 12:

*“Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.”*

Os cristãos estão travando uma batalha em um mundo caído. A Palavra muitas vezes fala do mundo como oposto às coisas de Deus e, como resultado, oposto aos crentes. João 15.19 diz: “Se vocês pertencessem ao mundo, ele os amaria como se fossem dele. Todavia, vocês não são do mundo, mas eu os escolhi, tirando-os do mundo; por isso o mundo os odeia”.

Em uma batalha, é essencial entender o chamado e a missão. Por décadas a igreja lutou uma guerra cultural em que muitas vezes fizemos das outras pessoas o inimigo. No entanto, esse texto bíblico essencial sobre envolvimento nos lembra de que nossa verdadeira batalha é espiritual. Ela exige recursos espirituais, e é com eles que estamos armados para reagir ao conflito.

Efébios 6.10-18 é o texto de batalha mais explícito das cartas do Novo Testamento. Na verdade, a palavra grega para *batalha* (ou, como o versículo 12 a chama, nossa “luta”) se refere ao combate corpo a corpo, e o contexto envolve flechas sendo atiradas durante a batalha. É uma luta de vida ou morte.

O versículo 12 desse texto diz que estamos em uma luta livre em que precisamos de uma armadura. A metáfora é mista, com flechas vindo também de longe. Na passagem, Paulo está dizendo aos efésios para permanecerem firmes ao resistir ao Diabo (v. 11,13). Terreno já foi conquistado. Esse terreno é espiritual e está ligado a coisas como nossa teologia e nosso caráter. Esse terreno se refere à igreja e àqueles que creem em Deus. Precisamos defender nosso terreno, não conquistar novos territórios.

Isto é o que o texto menciona como armadura: a verdade, a justiça, o evangelho da paz, a fé, a salvação e a Palavra de Deus. Os comentaristas debatem se isso se refere a uma verdade abstrata ou uma verdade aplicada; trata-se de justiça como justificação ou justiça aplicada. Considerando o que já foi dito na carta de Efésios até este ponto, provavelmente se trata de ambos, em vez de um ou outro.

Tanto um guia para a batalha quanto uma descrição da batalha estão presentes nesse texto. A força vem do Senhor (v. 10), e nós devemos nos equipar com o que ele nos dá: sua armadura (v. 11).

Se fôssemos adicionar ênfase ao versículo-chave, leríamos: “Pois a nossa luta *não* é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (v. 12). Enfatizei o “não” porque do outro lado dele está uma descrição quádrupla do inimigo que torna claro quem é nosso oponente e qual a natureza da batalha. Nossa missão não é derrotar ou destruir pessoas. É nos posicionarmos com recursos espirituais contra um inimigo invisível. Esses inimigos espirituais são tão invisíveis que as pessoas podem nem sequer perceber que eles existem.

Repetindo um ponto essencial, o restante do texto cita nossos recursos: a verdade, a justiça, o evangelho da paz, a fé, a salvação, a Palavra de Deus e a oração (v. 13-18). Não há nada sobre circunstâncias. Não há nada sobre ideologias políticas. Os recursos são nossa teologia, nossa fé e a qualidade e o caráter de nossas vidas enquanto cristãos.

As pessoas não são o inimigo. Elas são o nosso alvo. Quando Jesus enviou seus discípulos com a grande comissão em Mateus 28.18-20, ele lhes disse para irem pelo mundo e fazerem discípulos. Ele não disse “vão para a igreja e sejam discípulos”, ou “afastem-se da esfera pública”. Ele enviou a igreja para a esfera pública, armada para a batalha com recursos *espirituais* que somente Deus e o evangelho podem proporcionar através de Cristo.

Agora, vamos considerar nossa metáfora de batalha. Somos membros da CIA divina. Nossa missão é resgatar pessoas, da mesma forma que as forças especiais o fazem. Devemos buscar resgatar pessoas das garras de inimigos invisíveis. Essas pessoas vivem segundo “a presente ordem deste mundo” (Ef 2.2) – uma realidade que não deveria nos surpreender. Não é realista esperar que pessoas que não estão conectadas com Deus vivam segundo a sua direção. É por isso que o evangelho é tão importante nessa luta. O evangelho equipa as pessoas com habilidades e capacidades que de outro modo não teriam.

O que um membro da CIA divina faz, e qual é a missão? A missão é viver a verdade de Deus de uma maneira tão fiel e relacional que uma forma de resgate se torne aparente. Representar a verdade de Deus de um modo tão fiel que nossas vidas e palavras demonstrem uma forma abundante e alternativa de viver – a forma dele.

A sua missão, caso decida aceitá-la, é resgatar indivíduos das garras de forças espirituais destruidoras tão sinistras que eles nem sequer percebem que estão em perigo. Essa é uma parte enorme do desafio. As pessoas estão em perigo

extremo, mas não sabem ou enxergam isso. Entender que nossa operação de forças especiais envolve resgatar pessoas em perigo devido a forças sinistras que elas muitas vezes não reconhecem muda totalmente *a maneira como* lidamos com isso. Se vejo o indivíduo à minha frente não como um inimigo, mas como alguém que precisa ser resgatado, que está perdido e precisa ser encontrado, interajo com essa pessoa de maneira diferente.

Não estamos falando de missão impossível, e essa gravação não vai se autodestruir em cinco segundos. Esse é o chamado de Deus, no qual possuímos os recursos para lutar a batalha que ele descreve da forma como ele prescreve. Esses recursos se encontram em e são utilizados por meio da verdade que vivemos diariamente como indivíduos entre nossos vizinhos, como corpo de Cristo perante o mundo, e como cristãos interagindo com o mundo de maneiras diferentes das que o mundo usa para interagir.

Na abordagem da guerra cultural, por vezes demais nos desviamos da missão, transformando as pessoas no inimigo. Nessa execução errônea da nossa tarefa, não apenas falhamos no cumprimento do chamado de fazer discípulos, mas na verdade prejudicamos a igreja ao roubá-la das boas novas. Nossos desafios para a cultura, que deveriam atrair, têm sido às vezes expressados de maneira tão dura e insensível que os destinatários são, em vez disso, repelidos. Esse é o caso especialmente quando lutamos da mesma forma que o mundo luta, ou quando negligenciamos uma vida em contraste com o mundo. Assim que perdemos os diferenciais relacionais que são a igreja – o chamado a amar nossos

inimigos e a viver autenticamente com integridade e graça – passamos a nos parecer com qualquer outro grupo de interesse especial. E então as pessoas escolhem entre opções culturais com seus próprios “interesses especiais” em mente.

O dano à reputação da igreja e à causa de Cristo é imenso quando a missão é tão mal definida quanto a fizemos ser. Muitos dos nossos jovens olham para a forma como nós, gerações mais velhas, nos envolvemos culturalmente, e dizem: “Não, obrigado!”.

Nossa tarefa é entrarmos nessa batalha espiritual usando os recursos espirituais que recebemos para que, pela forma distinta como vivemos e amamos, outros se sintam atraídos a chegar mais perto. E essa distinção é mais evidente quando amamos nossos inimigos como Jesus nos chamou a amar. Não é uma tarefa fácil, e é por isso que exige recursos espirituais para ser cumprida.

Muitos textos bíblicos apontam para os recursos abundantes que temos. Efésios 1.3 diz que fomos abençoados com todos os recursos espirituais de que precisamos do céu, e podemos louvar a Deus por isso. Primeira Pedro 1.3-4a bendiz o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo porque, “conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer”. E como 1João 4.4 diz, “aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo”. Isso é verdade não importa o que o mundo diga, faça ou pense.

Efésios 1.21-22 também ensina que Jesus foi exaltado acima de todos os poderes e designado como cabeça da

igreja. Nada pode retirá-lo do seu lugar, independentemente do que aconteça no mundo. E, como consequência, nada pode alterar nossa posição em Cristo.

Não há nada a temer na batalha, porque os recursos espirituais que temos são grandiosos, e a identidade que temos é inabalável. Nossa tarefa é lançar mão desses recursos, em vez de depender dos recursos que nos tornam mais parecidos com o mundo. Fazemos isso ao nos envolver de maneira inteligente com as pessoas que pensam diferente de nós. Não ao desprezá-las ou desrespeitá-las, mas ao vê-las como reféns que precisam ser resgatadas. Quando agimos como o mundo e as vemos como inimigas, nossa missão de resgate se desvia do curso e perdemos nossa vantagem espiritual.

### *1Pedro 3.13-18*

O texto-chave está nos versículos 15-16:

*“Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, façam isso com mansidão e respeito...”*

Primeira Pedro é um ótimo livro. A maior parte dele fala sobre envolvimento com pessoas. O apóstolo Pedro, o autor, sentou-se aos pés de Jesus e teve aulas de envolvimento com o Salvador enquanto este preparava os discípulos para irem pelo mundo levando o evangelho.

Uma de minhas passagens preferidas é 1Pedro 3.15, um versículo muitas vezes usado em programas voltados para decorar a Palavra. Devemos estar preparados para explicar

o que cremos, nossa esperança. Nossa fé não está, em última instância, centrada em ideias (embora certamente as inclua), mas na esperança.

Pedro podia escolher uma palavra para resumir tudo o que a fé engloba, e escolheu “esperança”. Essa esperança tem a ver com entender e apreciar o porquê de estarmos na terra, e como podemos nos conectar com o Criador que nos fez. Primeira Pedro 1.13 termina com uma exortação para que “ponham toda a esperança na graça que será dada a vocês quando Jesus Cristo for revelado”. Vemos essa esperança na maneira como Deus tornou possível essa conexão entre nós e ele. É por isso que a mensagem dos cristãos é chamada de boas novas. Podemos nos reconectar com o Deus vivo. Somos capacitados para viver da forma como fomos criados para viver, tanto agora quanto na eternidade.

Primeira Pedro 3.15 é um chamado empolgante e um versículo maravilhoso. No entanto, muitas vezes perdemos o que está ao redor do texto, que nos ajuda a responder nossa pergunta sobre o que um envolvimento inteligente implica.

A partir do versículo 13, o autor nos dá uma descrição de como o mundo deveria ser: “Quem há de maltratá-los, se vocês forem zelosos na prática do bem?”. Se fazemos o bem aos outros, as coisas deveriam correr bem. Parece bem simples.

Mas vivemos em um mundo de cabeça para baixo, então o versículo seguinte diz: “Todavia, mesmo que venham a sofrer porque praticam a justiça, vocês serão felizes” (1Pe 3.14a). Veja bem, preste atenção no versículo. Ele já prevê que sofreremos por fazer o que é certo, assim como Jesus

ensinou aos seus discípulos (Mt 5.10-12). Parece que Pedro realmente entendeu o que Jesus vinha dizendo em toda a segunda metade de seu ministério: “Se vocês me seguirem, vai haver oposição. Os discípulos carregam sua cruz diariamente. Esse é o mundo no qual e com o qual nos envolvemos. No entanto, somos felizes, porque nossa aceitação não vem do mundo, mas de Deus e de sermos fiéis a ele”.

A parte seguinte do versículo é ainda mais impressionante: “Não temam aquilo que eles temem, não fiquem amedrontados” (1Pe 3.14b). Não há motivo para termos medo ao nos engajarmos, mesmo que possamos prever rejeição e injustiça.

Agora, preciso ser sincero. Muito do que vejo na reação da igreja à nossa cultura parece temor e amedrontamento. Temos medo da remoção da rede judaico-cristã que mencionei antes. Trememos com a forma como o mundo vive e as escolhas que faz, perturbados pelas influências que produzem. Esses são eventos perturbadores, mas eles não deveriam nos surpreender.

Nossas reações temerosas nunca nos ajudam a nos envolver bem. A esperança e a identidade do crente se encontram em Deus. É nesse ponto que nos conectamos com Cristo como nossa esperança e marchamos em direção ao mundo, prontos para nos envolver, prontos para apresentar uma defesa, prontos para permanecer firmes, armados com os recursos espirituais que nos permitem permanecer. E nossa mensagem central é positiva. Ela é sobre esperança.

A tensão de compartilhar o evangelho e nos envolver com nossa cultura é sempre um equilíbrio entre o desafio que o

evangelho apresenta às pessoas sobre seu pecado, seu fracasso em viver corretamente, e o convite do evangelho para entrarem na própria esperança em um novo tipo de vida. À medida que nos envolvemos, precisamos simultaneamente desafiar e convidar. Como podemos fazer isso direito?

A igreja muitas vezes falha ao focar tanto no desafio que a esperança se perde. Queremos tanto destacar o que há de errado no mundo que silenciemos a esperança que Deus disponibilizou, ou então limitamos essa esperança somente ao futuro. Mas ela começa agora, nesta vida. Porém, a única razão para buscar uma nova esperança é porque percebemos deficiências nesta vida, muitas delas de nossa parte. Então, o desafio precisa estar ali em algum lugar. No entanto, nossa base é a esperança. Ela não pode faltar. A esperança bíblica não é prosperidade ou uma vida sem qualquer problema. Ela existe em uma vida conectada com o propósito de Deus ao nos criar e alinhada com as razões que ele teve para isso em primeiro lugar. Assim, em nosso envolvimento, é importante que jamais percamos a mensagem de esperança em meio à defesa do evangelho e ao desafio que vem com o evangelho.

A única forma das boas novas serem boas novas é o “boas” ser parte da mensagem! E essa mensagem precisa ser comunicada com uma consciência de por que as novas são boas (porque há um resgate) e por que a graça é graça, não merecida ou meritória.

Muitas vezes paramos de ler 1Pedro 3.15 logo após a menção de estarmos preparados para defender nossa esperança, o que é um erro enorme. Não apenas temos de

oferecer nosso conteúdo – o tom com que o apresentamos importa. O versículo 16 diz: “Contudo, façam isso [defender a esperança] com mansidão e respeito, conservando a boa consciência, de forma que os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhados de suas calúnias”.

De todas as coisas a serem digeridas nessa questão, permita-me destacar três pontos:

1. *Nosso envolvimento precisa vir com mansidão e respeito.* Não devemos nos envolver a partir do medo, da raiva ou do ressentimento, mas da esperança, porque o que compartilhamos é a própria esperança. Não precisamos nos sentir ameaçados; podemos ser mansos e respeitosos porque sabemos que Deus está conosco. Nos envolvemos não de maneira arrogante, mas humilde, porque é apenas pela graça de Deus que nós mesmos temos essa esperança. Vejo menos dessa mansidão combinada com respeito do que esperaria ver por parte da igreja quando esta interage com o mundo. Podemos melhorar nisso.

Mansidão e respeito são cruciais no envolvimento. Os dois termos se referem a um tipo positivo de gentileza e humildade, somadas a uma consideração por aqueles com quem interagimos. O tom realmente importa porque ele comunica nosso amor por aqueles a quem desafiamos com o evangelho.

2. *Nosso bom comportamento será difamado.* Essa é a segunda vez que Pedro diz que nosso bem será recebido com o mal. Toda boa ação será punida. Não se surpreenda quando encontrar oposição. As pessoas não gostam de ser desa-

fiadas, embora isso seja parte da mensagem do evangelho. No entanto, não é toda a mensagem. A esperança ainda precisa ser a nota dominante.

3. *Devemos manter uma boa consciência ao mesmo tempo em que sabemos que Deus está plenamente ciente dos erros que são cometidos contra nós.* Primeira Pedro 4.19 nos consola quando sofremos: “... aqueles que sofrem de acordo com a vontade de Deus devem confiar sua vida ao seu fiel Criador e praticar o bem”. Será diante de Deus que nossos acusadores sentirão vergonha. Esse é um dos motivos por que não precisamos temer ao nos envolver.

Em 3.17, Pedro explica por que podemos nos comportar dessa maneira: “É melhor sofrer por fazer o bem [mais uma menção à injustiça!], se for da vontade de Deus, do que por fazer o mal”. Não devemos devolver na mesma moeda, mesmo diante de reações injustas. Discípulos se envolvem e demonstram uma forma diferente de se relacionar, mesmo com aqueles que os rejeitam e isso é parte de como amamos nossos inimigos de maneira distinta.

A razão para essa forma de agir é o que Pedro diz a seguir: o exemplo do próprio Jesus (v. 18). Ele era o Justo. Ele sofreu e serviu para atrair os injustos a Deus. Note apenas que o texto não coloca isso de forma tão genérica, ele diz: “... para conduzir-nos a Deus”.

Pedro personaliza o recado com um lembrete sobre nosso próprio acesso à graça. Cristo é o nosso modelo. Nós sofremos porque estamos imitando o que ele sofreu para que possamos ser como ele.

Precisamos lembrar de onde viemos e como chegamos até tamanha bênção. Em outras palavras, conforme nos envolvemos com os outros e imitamos Jesus, precisamos nos lembrar de que houve um momento em que Deus foi gracioso conosco enquanto nossas costas estavam voltadas para ele. Deveríamos ser capazes de compreender o que significa opor-se a Deus e ver Deus graciosamente nos conduzir até ele. Esse é o tom que importa.

Agimos com inteligência cultural quando interagimos com os outros da mesma maneira que Deus interagiu conosco. Focamos na esperança mesmo quando desafiamos as pessoas, e o fazemos com mansidão e respeito porque nos lembramos de nossa própria experiência com a graça de Deus.

### *Colossenses 4,5-6*

O texto-chave está nos versículos 5-6:

*“Sejam sábios no procedimento para com os de fora; aproveitem ao máximo todas as oportunidades. O seu falar seja sempre agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um.”*

Paulo inclui esse comentário breve mas significativo sobre envolvimento ao oferecer suas últimas exortações aos colossenses. Em um contexto de oração e esperança de portas abertas para o evangelho (v. 2-3), Paulo volta nossa atenção para como podemos aproveitar ao máximo tais oportunidades.

Dois termos são essenciais nesse texto: “sempre” e “agradável”.

Primeiro, “sempre” é um termo técnico. O dicionário o define como “o tempo todo”, sem exceções, o que significa 24 horas por dia, sete dias por semana, 52 semanas por ano, 365 dias por ano (ou 366 nos anos bissextos). Não há dias de folga a cada quatro anos – nem nunca. Em outras palavras, é um marco de tempo enfático. “Sempre” é o tempo todo.

Segundo, nosso tom sempre importa. “Agradável” é como a mansidão e o respeito sobre os quais lemos em 1 Pedro 3. Devemos sempre estar prontos para compartilhar nossa esperança, mas sempre fazê-lo com esse tom agradável. Na verdade, é assim que mansidão e respeito se traduzem para a aplicação e a prática, o que significa ser agradável quando interagimos com os que não são da fé.

A ideia do sal como um conservante reforça a ilustração. Nosso falar deve ajudar as coisas a se organizarem e a se acalmarem. Ele deve ser construtivo, lidando com as questões, e não destrutivo, partindo para o insulto pessoal.

Mais uma vez, não tenho certeza de quão bem muitos na igreja têm se saído na aplicação dessa ideia em seu contato com os de fora, incluindo muitos de nossos líderes mais conhecidos. Ainda assim, a forma como transmitimos o que cremos importa. Sem um falar agradável, não estamos sendo culturalmente inteligentes.

### *Gálatas 6.10*

O texto-chave é o versículo 10:

*“Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé.”*

Essa curta exortação está no final de uma longa seção em que Paulo explica a lei do amor – a lei maior que Jesus deu à igreja, a lei do amor extraordinário. Em Gálatas 5.14, ele menciona que toda a lei se cumpre na exortação de “ame o seu próximo como a si mesmo”. Mais uma vez, a dimensão relacional se apresenta como a aplicação suprema que Deus deseja em nossas interações com as pessoas.

Jesus havia ressaltado em Lucas 6 que esse amor é diferente: ele inclui inimigos e aqueles que nos odeiam e nos oprimem (v. 27-36). O ponto de Jesus é que não há distinção quando amamos apenas aqueles que nos amam; até mesmo os pecadores fazem isso. O discípulo deve ir além disso, e o amor do discípulo deve ser maior que isso.

Jesus contou uma história – a parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37) – para deixar claro que nosso chamado é para ser um “próximo”, e não preocupar-se com quem o próximo é. Um escriba lhe havia perguntado: “E quem é o meu próximo?”. A própria pergunta sugere que há pessoas que não são o meu próximo, não são problema meu. A parábola de Jesus disse: “Não, essa percepção está errada”. Nosso chamado é para ser um próximo e saber que próximos vêm em pacotes surpreendentes, e Jesus ressalta o fato ao apresentar o odiado samaritano como o exemplo na história.

Assim, em Gálatas 6.10, Paulo termina sua exposição sobre amar o próximo com isto: “Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé”. Isso é um chamado para de fato *fazermos*

o bem. O envolvimento não se resume a palavras. Precisamos mostrar o que declaramos através de nossas ações.

Um termo técnico nesse versículo é a palavra “todos”, que o dicionário define como “todas as pessoas, qualquer um”. Esse amor é dirigido a todos. Ele não exclui ninguém. Assim como Jesus ilustrou na parábola, precisamos ser bons “próximos” para todos.

Com algumas passagens, temos a tendência de entrar em um debate um tanto quanto sinistro sobre se isso se aplica somente aos irmãos da fé ou a todos. Lembro-me de Mateus 25, por exemplo. Estudiosos do Novo Testamento já gastaram muita tinta debatendo se a passagem se refere somente a como os cristãos são tratados ou como as pessoas em geral são tratadas. Francamente, não é uma escolha fácil contextualmente falando.

Essa passagem de Gálatas sugere que o debate pode ser um tanto supérfluo, porque todas as pessoas devem ser amadas e tratadas da mesma maneira. Sem dúvida devemos tratar outros cristãos com gentileza; mas, novamente, eles devem ser tratados como qualquer pessoa deve ser tratada. Quando dizemos que “cristãos devem ser tratados de uma forma, e os outros de outra forma”, perdemos o objetivo da passagem. O chamado a amar se aplica especialmente aos que são parte da comunidade de Deus, mas também se aplica a todas as pessoas.

O resultado de uma aplicação demasiadamente estreita é que nos liberamos de uma responsabilidade que todos temos e reduzimos nosso chamado de amar todas as pessoas. Também limitamos ações de amor e cuidado, diminuindo

a prova visual mais poderosa de nossas afirmações. Tornamo-nos como o escriba que perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?” – como se houvesse um limite para com quem devemos nos importar.

Estreitar esse tipo de texto é aplicar a passagem erroneamente e falhar em nosso chamado e missão de amar. Temo que tenhamos caído nessa armadilha nos últimos anos. A inteligência cultural diz que nosso amor é mais extraordinário quando inclui todas as pessoas.

### *2Coríntios 5.17-21*

O texto-chave é o versículo 20:

*“Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo suplicamos: Reconciliem-se com Deus.”*

Encontramos outro grande texto sobre envolvimento quando Paulo discute o evangelho em 2Coríntios 5. Esse é na verdade um dos textos paulinos mais importantes do Novo Testamento. Ele nos dá uma imagem da nossa missão e de como devemos ministrar à luz do evangelho.

O versículo 17 diz: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”. Isso faz alusão à novidade de vida que foi ganhada na conversão, ao renascimento espiritual do cristão. Especificamente, refere-se a nascer de novo e à nova vida adquirida através da conexão com Cristo pela fé.

Esse versículo explica por que o evangelho está no centro da missão e do envolvimento com pessoas: sem a vida nova, viver de maneira que agrada a Deus é impossível.

Há uma provisão que vem com a fé – uma capacitação que uma pessoa que não conhece a Cristo não tem. Isso se dá porque a salvação não é só questão de perdão dos pecados, mas também de sermos capacitados para um novo tipo de vida, uma vida que honra a Deus e que é possível através do Espírito de Deus habitando em nós. É isso que Romanos 1.16 diz com “o poder de Deus para a salvação”. Uma pessoa que antes estava morta espiritualmente é perdoada e trazida de volta à vida através da fé em Cristo. Essa pessoa recebe do Espírito de Deus que habita nela o poder para andar nos caminhos de Deus. Essa é a mensagem de Romanos 1–8, e é o que Paulo chama de ser uma “nova criação” em Cristo em 2Coríntios.

Então Paulo diz: “Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2Co 5.18). E fico aqui sentado pensando que se eu saísse na rua e perguntasse para alguém: “Em uma palavra, como você resumiria o foco do evangelho, da salvação?” e deixasse a pergunta aberta dessa forma, imagino que receberia todo tipo de resposta: *Graça. Perdão. Esperança. Salvação. Julgamento.* Também posso apostar que se eu entrasse na maioria das igrejas e perguntasse isso a pessoas que deveriam saber a resposta, o termo *reconciliação* estaria lá no final da lista. Não estaria nos top cinco; talvez nem sequer estivesse nos top dez. No entanto, a palavra que Paulo usa para resumir o foco de seu

ministério é *reconciliação*. Pedro usou a palavra *esperança* de maneira semelhante em 1Pedro 3, mas em 2Coríntios, o foco está no resultado da salvação. Deus nos salva para nos reconciliar com ele e com os outros.

Agora, a reconciliação obviamente busca primariamente reestabelecer nosso relacionamento com Deus. Ao continuar a leitura da segunda carta de Paulo aos coríntios, ele fala mais sobre essa obra de Deus: “... Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação” (5.19). E então chega esse versículo maravilhoso, o versículo 20, que acredito ser um dos versículos centrais sobre envolvimento com pessoas em geral. Ele diz: “Portanto, somos embaixadores de Cristo...”.

Um embaixador representa um país. Ele também é um estrangeiro em um país desconhecido. O chamado de um embaixador é representar seu país de origem e os seus valores. Ele ou ela luta pela paz entre o povo que representa e o povo no meio de quem está a embaixada. Todas essas coisas estão em jogo. Essa é a imagem que Paulo usa para descrever o que fazemos ao nos envolver.

Há muitas partes. Primeira, um embaixador tem lealdade antes de tudo ao lugar de onde vem, não ao país estrangeiro onde vive. Em nosso caso, somos cidadãos do céu e parte de uma comunidade multinacional e multiétnica que Deus formou ao redor do mundo. Nossa casa e nossa representação são primariamente com o povo de Deus. Em termos de prioridade, toda relação civil vem depois desses relacionamentos. Nós representamos primeiro Deus e seu povo.

Segunda, um embaixador não convida as pessoas para irem à embaixada e conhecerem seu país. Ele sai e se envolve com as pessoas do país onde agora vive. O embaixador está sempre circulando, aprendendo o que for necessário para entender o país onde mora.

Terceira, somos os portadores de uma mensagem de Deus. Essa mensagem é proclamada não só através do que dizemos, mas pelo modo como dizemos e como vivemos.

Esses temas se alinham com as passagens que examinamos antes. Cristãos são sempre embaixadores, representantes visíveis daquele a quem servem em casa, isto é, em nossa casa celestial.

O versículo 20 tem ainda mais a dizer: “... somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes *suplicamos*: Reconciliem-se com Deus”. Você percebe o tom interessante do versículo que resume nossa mensagem para o mundo? Mais uma vez, o tom é importante. O relacionamento humano-divino obviamente é o foco. Mas o que oferecemos é um convite para a reconciliação. É uma súplica que fazemos.

Agora, as pessoas a quem estamos suplicando prestam contas a Deus por suas respostas, mas isso também significa que essas respostas não são parte da minha responsabilidade. Essa resposta é entre aquela pessoa e Deus, assim como o é a sua prestação de contas. O chamado dentro do envolvimento com pessoas é para ser fiel na mensagem e no tom – ser um representante fiel de Deus, um embaixador digno de ser ouvido.

A reconciliação é um tema importante dentro do envolvimento e, para mim, essa categoria é a resposta ao problema da vida e de encontrarmos nosso lugar certo nela. Sem sermos reconciliados com Deus, não podemos ser consertados. Nossa fragilidade humana – e seu distanciamento de Deus – ofusca tudo: política, ideologia, circunstâncias mundiais.

Sem uma mudança de coração, somente aspectos externos podem sofrer mudanças significativas. Podemos propor todo tipo de sugestão quanto ao que poderia consertar o que está quebrado no mundo, mas, no fim das contas, a reconciliação é a resposta divina para o problema que aflige a raça humana. Reconectar-se realmente com Deus, e então permitir que seus recursos, seu poder e sua capacitação mudem como agimos e interagimos – essa é a resposta. E, nesse processo, uma dinâmica mais saudável pode surgir, uma forma melhor de funcionar no mundo ao nosso redor.

É por isso que o evangelho é tão central para a nossa missão e para o nosso envolvimento com a cultura. A maneira como representamos Deus em palavra e em tom prepara o palco para nossa credibilidade com o evangelho. As coisas com que nos importamos e a forma como nos importamos com os outros são parte da construção de uma ponte para o evangelho.

Algumas pessoas pensam que a resposta está em outros lugares, especialmente em nossa política. Porém, já vimos esse experimento fracassar. Israel teve Deus como seu legislador no Antigo Testamento, tiveram leis dadas por ele, e sua história ainda assim foi uma bagunça. É por isso que Deus por fim disse que a solução está em uma nova aliança,

uma na qual ele os perdoaria, colocaria sua lei em seus corações e lhes daria o seu Espírito. Sem um coração transformado, leis e circunstâncias não podem transformar muita coisa. Precisamos, então, tomar cuidado para que a política não se torne nossa resposta para o problema da sociedade. O problema da sociedade, enquanto uma questão espiritual, é mais profundo que qualquer ideologia política.

O versículo 21 encerra essa seção: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”. É Cristo quem traz a transformação.

Ao dizer isso, entretanto, a mensagem não é *envolvimento não importa*, ou *devemos ignorar o ambiente ao nosso redor, inclusive a política ou outras questões sociais*. Às vezes essa é a leitura que se faz da ênfase no evangelho. Porém, isso é um erro. Mostramos que nos importamos com as pessoas ao nos envolvermos com suas vidas e com o que acontece dentro delas, acompanhando o que as preocupa e por quê. Ajudamos as pessoas quando não apenas discutimos, mas mostramos que há uma forma diferente de viver. Uma das melhores maneiras de fazer isso é ouvindo e se importando.

Uma das razões por que a injustiça é um assunto tão frequente nos livros proféticos é porque os próprios profetas se importavam com as pessoas, especialmente quando estas estavam sendo maltratadas ou marginalizadas. Não é por acaso que temos passagens na Palavra como Miqueias 6.8, ou Tiago 1.27 ou 2.1-13. Quando nós, humanos, crentes ou não, damos atenção às coisas com as quais Deus se importa em relação às pessoas, então a maneira como as

peças – nossos “próximos” – são tratadas se torna nossa preocupação também.

A inteligência cultural nos chama a nos enxergarmos como embaixadores representando Deus; menos como cidadãos de uma nação específica aqui na terra ou como seguidores de uma ideologia política, e mais como cidadãos do seu reino. Nossa missão é oferecer um convite, suplicando a toda e qualquer tribo e nação para que se reconciliem com Deus, mostrando amor para com toda e qualquer pessoa.

### *2Timóteo 2.22-26*

O texto-chave está nos versículos 24-26:

*“Ao servo do Senhor não convém brigar mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade, para que assim voltem à sobriedade e escapem da armadilha do Diabo, que os aprisionou para fazerem a sua vontade.”*

Nosso último texto raramente é mencionado em discussões sobre engajamento, mas ele junta várias das coisas que os outros textos dizem. A passagem é um resumo do conselho de Paulo a Timóteo, um jovem pastor. Ele começa com o próprio caráter de Timóteo, imitando de certa forma os atributos espirituais de Efésios 6.

Veja o versículo 22: “Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor”. Justiça, fé e paz são parte dos atributos teológico-relacionais mencionados

nas outras cartas, especialmente em Efésios 6.14-17. O conteúdo desse versículo também se sobrepõe ao fruto do Espírito (Gl 5.22-23), atributos que também são primariamente relacionais.

O versículo 23 argumenta contra entrar em controvérsias infundadas: “Evite as controvérsias tolas e inúteis, pois você sabe que acabam em brigas”. O servo do Senhor deve se envolver com um conjunto diferente de objetivos em mente: amabilidade, paciência e mansidão (v. 24-25). Haverá conflitos, mas é preciso ter certo tipo de temperamento para lidar bem com essas tensões.

Dois temas que já vimos antes reaparecem. O primeiro é ser amável para com todos. A amabilidade não é seletiva. O segundo tema é a mansidão (mais uma vez ecoando 1Pe 3.16).

Nada disso é necessariamente fácil. Assim, é preciso ter recursos espirituais e maturidade para desenvolver reações assim. É muito comum querer rebater durante uma discussão. Paulo diz a Timóteo para não entrar nessa.

Talvez a parte mais incrível da exortação venha a seguir, nos versículos 25b-26. Eu o repito exatamente porque é tão significativo: “... na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade, para que assim voltem à sobriedade e escapem da armadilha do Diabo, que os aprisionou para fazerem a sua vontade”.

Há várias coisas a destacar.

Primeira, a reação da pessoa diante de Deus está ligada a algo que Deus faz. O embaixador não é responsável pela reação do coração de alguém. Chegar ao arrependimento

exige uma ação de Deus abrindo os olhos da pessoa. Ainda assim, em uma batalha de ideias ou ações, não queremos dar a alguém motivo para rejeitar o que estamos dizendo. Pode ser inevitável devido a diferenças de opinião, mas jamais devemos buscar conflitos. Na verdade, devemos ser cuidadosos para não entrar em debates, e sim nos esforçar para gerar discussões produtivas (falaremos mais sobre isso mais adiante).

Segunda, o tom mais uma vez está sendo destacado, mas somos chamados somente a ser fiéis ao compartilhar do que temos vivido e do que entendemos da graça de Deus. Ganhar a discussão não é um alvo porque não está sob o nosso controle de qualquer forma.

Terceira, a observação sobre escapar da armadilha do Diabo é outra alusão à batalha espiritual de Efésios 6.12. Voltamos ao fato de que uma pessoa pode estar nas garras de forças espirituais das quais não está ciente. Os membros da CIA divina são treinados para equilibrar desafio e esperança.

Quarta, o resultado é uma fuga libertadora. Em vez de estar presa, cativa, a pessoa recebe um tipo diferente de liberdade – uma que está ligada a Deus e à sua graça, e que a capacita e enche de esperança. O resultado para tal indivíduo é uma vida abundante caminhando com o Criador.

A inteligência cultural evita disputas desnecessárias e se envolve de maneiras gentis. Ela também aceita que os resultados de uma conversa pertencem a Deus e confia que, ao nos envolvermos com fidelidade e paciência, estamos oferecendo ao descrente uma oportunidade de uma libertação que pode mudar a sua vida.

## CONCLUSÃO

Nosso envolvimento pode perder sua eficácia quando perdemos de vista os objetivos primários de nossa missão. Uma missão mal definida ou que identifica erroneamente o que é mais central pode nos tirar de um caminho conversacional produtivo e até mesmo causar verdadeiro estrago. O caminho que a igreja tem percorrido ultimamente pode ter despropositadamente causado um dano assim, porque nossa missão tem estado mal dirigida. As pessoas não são o inimigo, e sim o alvo.

Em épocas volúveis como a nossa, precisamos de agilidade bíblica para ver o que é necessário, bem como de habilidade relacional para ler e reagir. Conforme desenvolvemos uma inteligência cultural, ganhamos essa agilidade, levando-nos a cuidadosamente ouvir e buscar mansidão enquanto equilibramos desafio e esperança. Também aprendemos a perceber a natureza espiritual do desafio do envolvimento, e a como usar esses recursos espirituais que nos permitem permanecer. Envolver-se da maneira certa significa estar ciente da nossa segurança em Deus, e de que não precisamos temer, não importa quão grave a situação pareça ser. Por fim, a inteligência cultural nos ensina a entender que o evangelho é a resposta verdadeira para a real transformação humana. Qualquer outra resposta é seriamente limitada.

Um envolvimento assim também compreende que não é só o que dizemos que importa, mas como o dizemos. Quer nos vejamos participando do resgate de uma pessoa perdida em perigo, quer como embaixadores que representam a

esperança de Deus, o chamado é para humildemente nos lembrarmos de onde saímos quando Deus nos chamou para si. Foi pela incrível graça de Deus que ele estendeu sua mão, nos convidando enquanto estávamos sendo desafiados quanto à nossa necessidade de Deus através do evangelho.

A morte de Jesus pelos pecados abre caminho para o dom da vida no Espírito. O evangelho leva as pessoas do desafio e da profunda necessidade para a esperança. O resultado é uma poderosa reconciliação com Deus. Essa reconciliação também abre portas para um tipo único de amor pelos outros, um que reflete quem Deus é, o que ele fez em Cristo e quem seu povo deve ser.

Nada disso acontece com facilidade; precisamos do fruto do Espírito de Deus. Engajar-se do jeito certo com os outros exige uma capacitação e instintos que não temos em nós. É um envolvimento que vai contra a corrente e não reage como o mundo. Ele exige um amor que se estende a todas as pessoas em todo o tempo.

No fim, mesmo se o mundo às vezes se opuser (como fez com o Salvador), o envolvimento bíblico revela a presença de Deus, que nos capacita para vivermos de maneira diferente e para falarmos aos outros com sabedoria e destreza. O resultado é uma inteligência cultural que reflete o caráter de Deus em nossos relacionamentos individuais, em nossas comunidades eclesíásticas e em nossa sociedade. Quando o refletimos, nós o honramos.



chamada

**ESTA É UMA AMOSTRA**

Compre este livro em nosso site

[loja.chamada.com.br](http://loja.chamada.com.br)

Possuir **inteligência cultural** requer que entendamos o mundo em transformação ao nosso redor e que nos engajemos nessas mudanças de maneiras que edifiquem a igreja e que busquem apaixonadamente os perdidos. Em *Inteligência Cultural*, Darrell L. Bock constrói uma teologia de engajamento cultural e equipa os leitores a relacionarem-se positivamente com sua cultura de olho no exemplo estabelecido por Paulo no Novo Testamento.

---

“*Inteligência Cultural* é uma palavra muito necessária no nosso mundo de respostas ‘tribais’ e hostis. O livro é embasado na Palavra e cheio de conselhos práticos sobre como engajar-se como cristãos em nosso mundo desafiador e pluralista. É uma correção de curso necessária para como batalhar pela fé apontando para a fé. Ele sugere como ter conversas de valor em vez de debates enfraquecedores. Em resumo, é uma leitura obrigatória.”

– **Tony Evans**, pastor sênior da Oak Cliff Bible Fellowship em Dallas, TX, EUA

“Este livro é um lembrete essencial de que não é apenas necessário que falemos a verdade; a maneira como a falamos também importa. Darrell Bock destaca que nós, como cristãos, muitas vezes parecemos irritados e combativos, afastando muitas pessoas de considerarem o cristianismo. A partir da Palavra e de experiências pessoais, ele mostra que precisamos nos apegar firmemente à verdade, mas com um espírito de mansidão e compreensão. Quanto melhor conhecermos nossa cultura e a mentalidade secular, melhor saberemos como ganhar seus ouvidos. Pretendo reler este livro, e creio que, se você o ler, fará o mesmo.”

– **Erwin W. Lutzer**, pastor emérito da The Moody Church em Chicago, IL, EUA

---

Este livro destaca a necessidade de centralizar nossas crenças e práticas em torno da Palavra de Deus, enquanto interagimos bem com uma cultura que está cada vez mais desconectada da verdade bíblica.



chamada.com.br